

Economistas prevêem retomada em 2000

GAZETA MERCANTIL

Economia - Brasil

Vera Saavedra Durão
do Rio

A retomada do crescimento da economia brasileira a partir do próximo ano parece ser consenso entre economistas de consultorias e de bancos. As diferenças são em relação aos fatores que vão sustentar esta retomada e o que vai levar o País para um desenvolvimento sustentado nos próximos dez anos, evitando mais uma década perdida.

Projeções do BNDES, da consultoria Tendência, do banco ABN-AMRO e do Ipea convergem para uma taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) numa faixa entre 3% a 3,5% para 2000.

Fábio Giambiagi, gerente da área de planejamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), em seu trabalho sobre "Perspectivas da Economia Brasileira: 1999/2006", que será publicado na revista do BNDES, em dezembro, traça um cenário de crescimento constante do PIB nos próximos oito anos, na média de 4,2% ao ano. Ele aponta os investimentos diretos e as exportações como líderes dessa recuperação já para 2000, quando projeta um superávit para a

balança de US\$ 3,4 bilhões.

Rubens Sardenberg, economista-chefe do ABN-AMRO acrescenta mais um ingrediente a esta receita do bolo do crescimento: uma queda significativa dos juros, para uma faixa de 16,5% até dezembro do próximo ano (9,4% de juros reais), gerando uma maior oferta de crédito, com consequente aquecimento do consumo de bens pela população.

"O aumento das operações de crédito para os bancos, com redução de juros e aumento da competitividade, vai empurrar o sistema bancário para operações mais agressivas, propiciando redução do spread", diz Sardenberg.

Eustáquio Reis, diretor do IPEA-Rio, tem outra ótica para a questão do crescimento. Ele trabalha com uma perspectiva semelhante a de Giambiagi, de elevação das exportações e aumento dos investimentos, mas com uma trava no consumo, decorrente da cautela do governo em baixar os juros dada a ameaça de inflação. "Não creio que exportações

e investimentos sejam capazes sozinhos de sustentar a retomada em níveis mais firmes. O consumo, nesta equação, é fundamental, pois representa 70% do PIB".

Reis argumenta que mesmo crescendo na faixa de 3% ou um pouco mais, o produto real não terá expansão suficiente para reduzir no médio prazo o desemprego, hoje no patamar de quase 8% da população ativa, nem de aumentar a renda do brasileiro, que até setembro caiu em

média 5%, segundo os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

"O consumo é o transatlântico da economia. Os

investimentos são barquinhos que ocupam apenas 19% do PIB e as exportações, 8%", destacou Reis.

Roberto Padovani, sócio da consultoria Tendência, desenha um cenário de ajuste lento da economia para 2000. Padovani, como Sardenberg, acredita que no próximo ano haverá um ciclo de aumento do consumo doméstico de bens incentiva-

do por queda dos juros. "Mas, meu cenário é conservador por causa da inflação", alerta o sócio de Mailson da Nóbrega. "Trabalho com uma taxa de juros de 17%, que para mim será piso no próximo ano. Penso que o governo será obrigado a enrijecer a política monetária para frear a inflação, ainda no primeiro semestre. Nossa previsão para o IPCA é de 7% no ano, se houver um monitoramento de preços por parte do governo".

A seu ver, o governo não tem como sustentar a inflação via câmbio, cuja variação ficará quase estável em 2000, com o dólar desvalorizando o real em apenas 3,5% permanecendo em R\$ 2,00, ante uma desvalorização de 59,5% em 1999. Giambiagi e Sardenberg também trabalham com desvalorização.

A situação poderá mudar se houver alguma ameaça externa. Para Sardenberg, cenário de crescimento não está isento de riscos. Para o economista-chefe do ABN-AMRO, a maior ameaça para os países emergentes é a economia americana. "Enquanto não se materializar o 'soft-landing' na economia americana, paira sempre uma dúvida nos mercados".

30 NOV 1999